

19 DEZ 2008

P. 19

OPINIÃO

# 2008 vai deixar saudade...

PAULO SKAF

Presidente da Federação e do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp/Ciesp)

O ano de 2008 foi muito gratificante para o Brasil. Investimos bastante, produzimos e crescemos apesar de alguns crônicos problemas. A massa salarial do brasileiro aumentou e, com ela, também o poder de consumo. O desempenho do último resultado do PIB, que cresceu 6,8% no terceiro trimestre em relação ao mesmo período de 2007, surpreendeu até mesmo os analistas econômicos. No entanto, tivemos uma situação até 30 de setembro e outra a partir de 1º de outubro, quando fomos atingidos por uma crise mundial que, neste momento, avança em velocidade crescente. Apesar da correta atitude do governo ao cortar o compulsório para injetar recursos na economia, falta crédito para muitos setores.

Diante desse cenário atípico, sem que haja condições de fazer prognósticos, é preciso ter prudência. Devemos ter otimismo responsável e trabalhar por soluções que minimizem as adversidades. Mas, sem dúvida, no ano que vem sentiremos saudade de 2008.

Entre os principais problemas estão os custos mais altos para o crédito e o menor crescimento das exportações. A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) tem mantido constantes diálogos com a área financeira do governo buscando a liberação de crédito e a redução do seu custo. Mas o fato é que as providências tomadas até agora têm sido insuficientes para desafogar o estoque dos bancos. E o custo do dinheiro continua alto; estranhamente até nos bancos públicos.

As recentes medidas anunciadas pelo governo federal e do estado de São Paulo no campo tributário, apesar de tímidas, tiveram o mérito de dar algum alívio às empresas. O problema é que, na contramão desse processo, o Banco Central parece manter-se de costas à sociedade insistindo em uma taxa básica de juros estratosférica.

Estamos trabalhando em uma proposta que deveremos apresentar em breve, sugerindo que o governo use os recursos dos depósitos compulsórios para fortalecer o crédito e ampliar o prazo

de recolhimento de impostos pelo setor privado. Ao fazer que o volume liberado pelos compulsórios chegue ao chão de fábrica, o governo resgatará a confiança do empresariado brasileiro, conferindo-lhe melhores condições para exercitar a reconhecida capacidade de superação.

Nossa balança comercial — que deve encerrar este ano com superávit um pouco acima dos

US\$ 20 bilhões —, ficará menor ou, talvez, deficitária em 2009. Outra de nossas propostas é, justamente, para que o governo seja mais agressivo na adoção de medidas em defesa comercial da produção brasileira. Com a perda de mercado pela China, cujos maiores compradores — Estados Unidos, Japão e Europa — apresentam quadro recessivo, devemos ficar atentos e não permitir

que produtos chineses entrem no Brasil sob práticas desleais e ilegais ainda maiores do que as já praticadas.

Por isso, a Fiesp defende que o governo crie mecanismos mais ágeis e preventivos ao incontável avanço dos chineses no mercado brasileiro, gerando desemprego. Não se trata de protecionismo, mas de usar legítimos mecanismos de defesa comercial, como os usados nos países de Primeiro Mundo.

Independentemente da crise, outros velhos problemas assombram nosso desenvolvimento em reação à crise. Pesquisa feita pela Fiesp ao final de novembro passado aponta que a carga tributária é o maior problema para 1.200 empresários entrevistados. Em segundo lugar, entre os maiores entraves ao desenvolvimento, aparece a taxa de juros. O spread bancário no Brasil é um dos maiores do mundo, chegando a ser sete vezes maior do que em outros países, o que torna impraticável o crescimento das empresas de qualquer porte.

O tempo está passando e, se queremos evitar um impacto maior da crise no Brasil, precisamos de custos mais acessíveis. Não faz sentido seguirmos na contramão do mundo e manter os juros altos, quando a economia doméstica já demonstra retração. Apesar da inflação acima da meta, o reflexo na queda dos índices de produção do país exige imediata queda das taxas de juros a ser promovida pelo Comitê de Política Monetária (COPOM), do Banco Central.

Não devemos praticar futurologia, mas já temos indicações de retração para o primeiro trimestre de 2009. A crise poderá não ser longa, porém há risco de que possa ser dura para diversos setores. Assim, cabe ao país estar preparado para enfrentar as adversidades. Ter perspectivas otimistas é enganoso, mas ser pessimista pode ser desastroso. O melhor é ser realista e buscar as providências na medida em que houver necessidade, dia a dia.

Precisamos de iniciativas que sinalizem ao mercado interno que chegou o momento de incentivar a atividade econômica. Em meio a tantas incertezas, a única certeza que temos é a de que estamos prontos para fortalecer a economia rumo ao crescimento, e lutar para que o Brasil saia desta crise mais forte do que entrou.

